

## “LIVRAI-NOS DO MAL”: O RITUAL DE EXORCISMO NA IGREJA TRIDENTINA LUSO-BRASILEIRA NO SÉCULO XVII<sup>1</sup>

Elias Purificação Pereira <sup>2</sup>  
Luciana Onety da Gama Sobral<sup>3</sup>

### RESUMO

O Diabo é um ser que em muito desperta o medo, mas em outra parte desperta o fascínio e por muito tempo foi assim. A história do cristianismo está repleta de descrições de combates e batalhas épicas travadas contra o inimigo de Deus. Podemos assim dizer que a igreja foi fundamentada não somente na imagem de Deus, mas do seu opositor também. Entretanto, esse pilar começou a se ruir no século XVII devido a vários problemas, entre eles a reforma protestante, cabendo assim a Igreja recorrer a sua arma mais antiga nesta peleja santa: os exorcismos. Afinal, perder a imagem do Diabo na mentalidade popular era perder um dos pilares onde a fé estava fundamentada.

**Palavras-chave:** Diabo; exorcismos; possessão; igreja.

### DO MEDO NO DIABO AO RITUAL DE EXORCISMO

Antes de começarmos a falar sobre os exorcismos mais modernos do século XVII, é necessário voltar um pouco mais e entender como funcionavam os exorcismos antes da formalização feita após o concílio de Trento. Para isso, vamos seguir uma linha de causa e consequência entendendo como uma ação levou a outra.

Além desse aspecto, é necessário também compreendermos quem foi o Diabo, esse ser que figura no imaginário religioso, especialmente no ocidente cristão. Satã, Satanás, Diabo, Lúcifer, são algumas das denominações empregadas a um dos principais alicerces onde está fundada a base da fé católica e cristã, não somente da instituição, mas como princípio fundamental do monoteísmo<sup>4</sup>.

O Diabo por muito tempo assombrou o pensamento cristão, principalmente na idade média onde esse ser tomava forma quase física. A fé cristã é fundamentada na ideia de Cristo ter vencido a morte na cruz para salvar todos os seus fiéis do pecado e da punição eterna,

---

<sup>1</sup> Este artigo foi produzido em 2018 no âmbito da Iniciação Científica da UNIJORGE, linha de pesquisa História Moderna, sob a coordenação da professora mestra Luciana Onety da Gama Sobral.

<sup>2</sup> Licenciado em História pelo Centro Universitário Jorge Amado. Professor da rede particular de ensino e pesquisador.

<sup>3</sup> Mestre em História Social pela UFBA. Professora do Centro Universitário Jorge Amado, coordenadora dos cursos de licenciatura em História e Letras da UNIJORGE.

<sup>4</sup> Georges Minois trabalha com este tema em seu livro “O Diabo, origem e evolução histórica” em que deixa claro na página 6 o ponto de que o monoteísmo tem a inquestionável necessidade de um diabo, já que, segundo suas palavras, quanto mais poderoso, absoluto e bondoso for um deus, mais necessário é um diabo para justificar também a maldade e desassociar desta divindade a culpa.

como podemos ver escrito no evangelho segundo São João, capítulo 3, versículo 16<sup>5</sup> (BÍBLIA, Jo, 3, 16). Entretanto, existia um medo enraizado, anteriormente.

No início da propagação da igreja era um medo do paganismo, mas após o cristianismo ter se tornado uma instituição com grande força, o que ocorreu entre o século VIII e XIII, ao contrário do que se pensava, foi que o medo continuou aumentando. Passou de da ligação com algo físico, como os povos pagãos acreditavam, para um medo metafórico, afinal, acreditavam que o Diabo estava sempre à espreita com a intenção de destruir todo o plano de Deus levando o homem à perdição:

Pouco a pouco, as discussões entre os bispos da igreja sobre o Diabo eram mais frequentes que as sobre Deus e Jesus Cristo, e o Diabo foi ganhando poderes ainda maiores: passou-se a acreditar que ele havia penetrado no mais íntimo da alma de cada um, pois, todos estavam propícios a ceder às tentações por força de seus próprios pecados (AVILA, 2013. p. 179)

A ideia do opositor de Deus estar sempre no combate contra os planos divinos rondava a fé católica. No Concílio de Bragança, no século VI, houve uma tentativa de controlar essa ideia tendo sido estabelecido que o Diabo era limitado e subjugado sob a autoridade de Deus, entretanto, curiosamente, o medo somente aumentou e o opositor vinha se tornando um ser com poderes quase ilimitados na mentalidade popular. No século XIII foi emitido pelo Papa Gregório IX uma bula legitimando o poder do Diabo e confirmando que ele:

preside às reuniões nocturnas dos heréticos, tomando a forma de um gato, de um sapo, de um homem pálido e glacial ou, por vezes, a de uma entidade metade negra e metade brilhante (MINOIS, 2003, p. 69)

No século XV o medo alcançou tamanho poder que levou o papa Inocêncio VIII a dar plenos poderes aos inquisidores, contra tudo e contra todos, independentemente de seu título ou poder hierárquico, ação essa descrita na sua bula papal publicada no livro *Malleus Maleficarum* escrito no século XV pelos inquisidores Heinrich Kraemer e James Sprenger. Dizia a documento papal que:

Em virtude de Nossa autoridade apostólica, decretamos a justa correção, aprisionamento e punição de quaisquer pessoas, sem qualquer impedimento, de todas as formas cabíveis, como se as províncias, as aldeias, as dioceses, os distritos e territórios, e ademais, como se, inclusive, as pessoas e os crimes dessa espécie tivessem sido indicados e especificamente mencionados em Nossas cartas. [...] para proceder conforme as normas da Inquisição contra quaisquer pessoas de qualquer classe ou condição social, corrigindo-as, multando-as, prendendo-as, punindo-as, na proporção de seu crime (KRAMER; SPRENGER, 2017, p. 23).

---

<sup>5</sup>No versículo em destaque está escrito: "Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que Nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna".

O evoluir desse medo levou à insatisfação com os exorcismos. Aos poucos esse rito foi deixando de ser interessante para o clero, tido como algo ineficaz por assim dizer (AVILA, 2013). A caça ao inimigo de Deus sai do campo dos exorcismos e segue para o fogo purificador da inquisição. O *Malleus Malleficarum* ganha então força, seguindo como manual oficial da inquisição, levando a igreja a uma época extremamente sangrenta de repressão.

Mesmo durante o Renascimento a crença no Diabo era de extrema força na elite portuguesa, afinal era unânime a opinião de que o diabo não existia só na natureza e que agia de acordo com suas próprias leis (RIBEIRO, 2003)

Mas, por qual motivo o Diabo, que tinha uma enorme representatividade no imaginário religioso, perdeu tanto espaço na mentalidade popular ao longo da época moderna? No decorrer da pesquisa falei sobre a inquisição ter sido nociva para a mentalidade popular acerca do inimigo de Deus, afinal, o ceticismo se espalha, em parte com auxílio da religião popular e do protestantismo. Esse último não causa o ceticismo, mas leva a população a descrer dos ritos e sacramentos derivados do catolicismo que vinham a ter uma conotação mágica, inclusive dos exorcismos (RIBEIRO, 2003).

Aos poucos esse pilar vai ruindo na mentalidade popular, entretanto, a igreja católica contra-ataca tentando manter a imagem do Diabo. Para isso a igreja impõe um disciplinamento mais rígido do culto e da religião, ficando isso evidente na publicação do *Rituale Romanum*. Uma das decisões da igreja referente a isso foi manter o latim como a língua utilizada para os ritos e sacramentos, claro que com uma motivação grande por detrás.

[...] o fato de falar com o diabo em língua desconhecida da maior parte das pessoas conferia aos membros do corpo eclesiástico uma posição de superioridade ao mesmo tempo em que reforçava a eficácia do exorcismo como ritual mágico (RIBEIRO, 2003. p. 69)

O diabo deixa de ser uma figura temerária e passa a ser algo enigmático, afinal o mal que lhe é dirigido é visto sendo feito pela instituição que o persegue. Os processos exorcistas eram realizados de forma velada<sup>6</sup>, mas com o tempo dão lugar a processos com grandes encenações públicas, que ao invés de induzirem ao controle social com base no medo, geram um ceticismo social apoiado nas ideias da renascença, assim como no luteranismo.

A grande caça ao Diabo, que culmina numa espécie de frenesim, por volta de 1600, vai, seguidamente, transformar os processos e exorcismos em grandes encenações

---

<sup>6</sup>Era a forma estabelecida pela igreja. Ser feito em latim, com autorização clerical, por um exorcista formado e em total sigilo evitando escândalos e exaltações desnecessárias. Entretanto, após um tempo os exorcismos voltam a serem feitos de forma pública, basicamente se tornando uma propaganda religiosa, descrição essa feita por Philippe Sartin no seu trabalho já citado aqui.

públicas que terão por efeito provocar um cepticismo crescente, cada vez mais apoiado nos progressos da razão e do espírito crítico. Os próprios excessos da repressão e o exibicionismo crescente que a rodeia levarão a um progressivo descrédito, do ponto de vista das elites, da figura do Diabo (MINOIS, 2003. p. 94-95)

A imagem do Diabo no período moderno estava em “queda” e perda do seu antigo sentido de portador de todo mal atingindo, agora uma imagem subjetiva no qual duas hipóteses complementares são levantadas. A primeira envolve o acúmulo de informações e complexidade ligada a imagem do diabo que pode ser descrita por um trecho do livro *História da Loucura* de Michel Foucault:

A ascensão da loucura ao horizonte da Renascença é percebida, de início, através da ruína do simbolismo gótico: como se este mundo, onde a rede de significações espirituais era tão apertada, começasse a se embaralhar [...] Paradoxalmente, esta libertação provém de uma abundância de significações, de uma multiplicação de sentido por ele mesmo [...] Tantas significações diversas se inserem sob a superfície da imagem que ela passa a apresentar apenas uma face enigmática. E seu poder não é mais o do ensinamento, mas o do fascínio (FOUCAULT, 2017, p. 59)

E podemos complementar com a explicação dada pelo padre exorcista Gabriele Amorth tirada de seu livro *Exorcistas e psiquiatras*:

A reação aos excessos do passado levou a um desinteresse total com relação ao Diabo e à sua ação; [...] Houve exageros quando se demonizaram todas as coisas; a reação conduziu a este exagero, conduziu à queda da doutrina sobre o demônio. O demônio passou a ser símbolo, um boneco: quando muito passou a ser visto como ideia abstrata do mal (AMORTH, 2015, online)

Nesse contexto, é importante salientar que não é objetivo deste trabalho focar na área da inquisição em si, mas sim trazer as consequências que o tribunal do Santo Ofício causou na mentalidade popular acerca do Diabo e explicar como a descrença no inimigo de Deus levou a um aumento de casos de exorcismos.

Seguindo por essa linha me ateno ao trabalho de Erik Avila, que veio a ser citado algumas vezes neste trabalho, quando ele afirma que

Os abusos da inquisição, a demonização do mundo, os massacres feitos em nome da Igreja pelo zelo da fé cristã fizeram uma singela pergunta nascer dos racionalistas: “O Diabo realmente existe?” (AVILA, 2013, p. 186)

Essa pergunta foi levantada em vários pontos da Europa e, como citado no início deste trabalho, o Diabo servia como um dos pilares da fé católica, que começa a ruir. Além disso, a igreja também tinha perdido seu monopólio sobre as almas dos fiéis, agora disputavam território com os protestantes.

Onde os exorcismos se encaixavam nesse cenário? Os exorcismos serviam como uma ferramenta de extrema importância para a propagação da fé cristã, afinal, esse rito era uma demonstração do poder divino e explicitava o poder de Deus sob todos os “espíritos” e “malefícios” que eram encontrados causando mal a vida de seus fiéis. Em uma única ação era demonstrado o poder de Cristo e legitimava a fé cristã.

Em solo português os exorcismos no século XVII tinham também extrema importância medicinal, quase todos os tratados médicos escritos no período falam sobre a relevância do exorcismo para a cura do enfermo. Nesses mesmos tratados é perceptível que teólogos e demonólogos são citados com muito mais frequência do que nomes de médicos ou cientistas (RIBEIRO, 2003). Esse rito foi estabelecido para a Igreja baseando-se no evangelho segundo Lucas, no capítulo 9, versículo 1 (BÍBLIA, Lu 9, 11)<sup>7</sup>. Inicialmente os exorcismos podiam ser praticados por qualquer cristão que, utilizando do nome de Cristo, teria autoridade sobre os diabos e demônios. Com o passar do tempo, esse ritual foi adquirindo características próprias e tomando uma forma mais padronizada e até que no século XVI ele foi oficialmente codificado e formalizado no *Rituale Romanum* (MINOIS, 2003)

Como dito acima, qualquer pessoa tinha o “poder” de exorcizar utilizando o nome de Cristo, entretanto isso dura apenas até meados do século III (MINOIS, 2003). No Concílio de Laodiceia, realizado entre 363 e 364 D.C, ficou decidido que ninguém deveria se atrever a exorcizar, a não ser os exorcistas que após receberem devidamente a sagrada ordem eram declarados idôneos pela Igreja (RIBEIRO, 2003)

Essa separação de quem podia ou não exorcizar tinha como objetivo tentar proteger os ritos da Igreja das influências de outras culturas e submeter o poder secular desta instituição sob o espiritual, dando a entender que somente seus membros, não todos, eram capazes de enfrentar o mais forte dos inimigos de Deus (RIBEIRO, 2003).

Os objetivos dos exorcismos sofreram alterações com o passar da história da Igreja. Márcia Moisés Ribeiro descreve perfeitamente em seu livro *Exorcistas e Demônios* (2003) essa evolução:

No seu primeiro século de existência, a Igreja usou os exorcismos como arma contra o paganismo. A demonstração da força de seus ritos curativos e de expulsão demoníaca era um meio usado pela Igreja para ganhar novos adeptos. Na Idade Média, além do seu papel mais trivial eles tinham como principal finalidade a demonstração da santidade do exorcista, o que indicava sua superioridade e diferenciação frente aos que não possuíam aquela ordem e principalmente em relação aos leigos. A Reforma aprofundou ainda mais o papel dos exorcismos. Com

---

<sup>7</sup>No versículo bíblico em destaque está escrito: “Reunindo os Doze, Jesus deu-lhes poder e autoridade para expulsar todos os demônios e curar doenças.” (BÍBLIA, Lu 9, 11).

ela, abriu-se a possibilidade de se utilizá-los como propaganda de um grupo cristão contra outro, ou seja, foram usados para convencer os protestantes e para confirmar a fé e a prática devocional da Igreja católica (RIBEIRO, 2003, p. 67)

Combater o protestantismo serviu como centro da formalização dos ritos da Igreja. Não foi apenas esse ritual que passou pelo *Rituale Romanum*, o matrimônio e o batismo por exemplo serão formalizados e padronizados para todo o corpo católico. Essa formalização é encomendada pelo Papa Gregório XIII a Juliu Sanotri em 1575. Inicialmente sendo nomeado como *Rituale sacramentorum Romanum Gregorii XIII* publicado em 1584. Após o Papa Paulo V assumir e encomendar a continuação desse processo, ele muda seu nome para o *Sacramentale Ambrosianum* tendo à frente do projeto uma comissão liderada por Giovanni Gaburius que entrega o trabalho final em 1613 nomeado agora como *Rituale Romanum* (AVILA, 2013).

#### **OS MANUAIS DE EXORCISMOS, A MEDICINA E O COMBATE AO PROTESTANTISMO**

A formalização do ritual de exorcismo tinha como um dos seus principais objetivos o combate ao protestantismo. Desse modo seria possível definir o que era “certo” e o que era “heresia”. Vários casos eram vistos como propagandas do catolicismo diante dos protestantes (SARTIN, 2016).

Até o presente momento não encontramos manuais de exorcismo escritos originalmente em português. No entanto, foi possível localizarmos a tradução de três principais obras: O manual do exorcista italiano Candido Brognolo (1651), o livro de Benito Remigio Noydens<sup>8</sup> e o do jesuíta italiano Giovanni Pietro Pinamonti<sup>9</sup>. Dentro desse avanço dos livros envolvendo os exorcismos, era perceptível a ligação entre os exorcismos e a medicina. O próprio manual do Brognolo traz a dos demônios atingirem mais os melancólicos:

Primeiro, porque o humor melancólico com dificuldade retira, e he de sua natureza inobediente, e rebelde. Segundo, porque o humor melancólico he mais apto para gerar diversas enfermidades, e incuráveis, porque se he muito enxuto, ofende as membranas do cérebro, e faz ao homem doudo; se ofende os ventrículos, causa apoplexia, se aos nervos, convulsões; se aos olhos, cegueira. E ultimamente gera raivas, frenezis, e ódios, escurece o entendimento, turba a memória, a razão e juízo [...] (BROGNOLO, 1651, p. 16).

<sup>8</sup> A obra “*Practica de exorcistas e Ministros da igreja*” de Benito Remigio Noydens foi escrito em 1661 e traduzida, por Manuel Rodrigues Martins, em 1694.

<sup>9</sup> A obra “*O exorcista bem intruído*” de Giovanni Pietro Pinamonti foi traduzida e comentada por João Baptista Reboredo em 1736.

A ideia não é apenas focar nos sintomas e consequências físicas da possessão demoníaca, afinal, o *Malleus Malleficarum* também tem informações dessas ações, mas a ideia que quero mostrar com isso está ligado nos livros de medicina da época que seguiam a mesma vertente que é perceptível neste manual. O dito humor melancólico, por exemplo, era na medicina deste período associado a bile negra, no baço. Essa bile era associada à noite e às trevas, considerada assim o humor preferido do Diabo. Qualquer disfunção relacionada a essas substância era considerada uma facilitação para a entrada do Diabo no corpo do indivíduo (RIBEIRO, 2003).

Existem alguns motivos que levavam a esse entrelace. De acordo com Márcia Ribeiro os principais causadores desses feitos era a escolástica medieval associada a São Tomás de Aquino:

De acordo com as diretrizes da Companhia de Jesus, a doutrina teológica deveria perpassar verticalmente todos os cursos sendo que dela dependiam subsidiariamente os complementares estudos de filosofia. A física, a matemática, a medicina, enfim todas as matérias lecionadas, subjugavam-se à teologia (RIBEIRO, 2003, p. 20)

Esse ponto é extremamente importante para entender o motivo de Portugal se manter com essa linha de pensamento mais espiritual comparado a outros países da Europa. Afinal, devido a formação intelectual que seguiam a preocupação no espiritual e no combate ao demoníaco é compreensível e legitimado.

Além da crescente preocupação medicinal, tinha também outro ponto importante dos exorcismos, na verdade, um ponto importante da formalização dos exorcismos. Eles surgiam com a ideia de combater o charlatanismo e as “superstições”.

Esse mesmo entrelace do exorcismo com a ciência é percebido por Erik Avila, que explana as regras criadas pela formalização dos rituais, as quais vinham com o objetivo de evitar o charlatanismo e proteger tanto o exorcista como o possesso, lhe dar um tom mais formal e com isso poderiam tentar restaurar a credibilidade que havia se perdido com a crise das bruxas (AVILA, 2013).<sup>10</sup>

Não por acaso, mas como uma tentativa de retomada daquela imagem do Diabo medieval, como forma de combater a perda da crença nos rituais dos exorcismos e no próprio Diabo em si, que Sartin afirma:<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> As consequências causadas pela caça às bruxas e todas as condenações e execuções da Santa inquisição na perda da credibilidade popular no Diabo e na Igreja é tratado por Erik Avila como “A crise das Bruxas”

O diabo popular é menos assombroso do que queriam os teólogos, além do que esta vertente (a crença popular) admitia a existência de vários demônios. As pesquisas apontam, com alguma segurança, que a segunda metade do século XVI – quando recrudesceram as guerras de religião, e quando iniciou-se o mais áspero período de condenações por bruxaria – foi decisiva para a multiplicação de endemoninhadas e exorcistas. [...] Tais realidades, todavia, geravam enorme desconfiança nas autoridades religiosas e, assim como no caso da bruxaria, o fervor conviveu desde cedo com o ceticismo [...] (SARTIN, 2016, p. 13)

Na colônia portuguesa a situação não era muito diferente, a crença popular diminuía o poder do Diabo levando-o a aparentar ser inofensivo. Então, uma tentativa de retomada de poder através da reutilização dos exorcismos ganha espaço. Um combate mais pessoal, velado e legitimador parecia ser a solução ideal para combater o ceticismo alastrador desenvolvido pelas punições imensuráveis do Tribunal do Santo Ofício e pelo espalhar do protestantismo.

O Diabo se mantém com o papel de legitimar e demonstrar o poder de Deus. O exorcista como ministro de Deus ganha um destaque maior nos manuais onde é perceptível um enaltecimento do mesmo. O mal continua sendo apresentado como algo proveniente da autorização divina cujo objetivo vem como enaltecimento da sua graça marcando assim tanto sua justiça quanto sua benevolência, tem-se como exemplo os leprosos citados por Foucault (2017)<sup>12</sup>.

O mal em si não deixa de ser ligado a imagem de Deus como punição dos maus ou provação dos justos, ideia essa trazida por Brognolo (1651). O manual informa que Deus permite o mal pois dele tira o bem. Brognolo (1651) também informa possíveis motivos para essa autorização divina, entre elas encontramos: para que o homem obstinado pela culpa seja atormentado neste mundo e não no próximo, para aqueles não obstinados possam neste mundo serem punidos pela culpa, para que o homem castigado e perseguido pelo demônio tema e fuja de toda ofensa a Deus, para castigar algo na culpa particular ou um pecado grande e assim realizar a justiça divina, para que os que estão na graça de Deus não caiam, para que ocorra conversão de muitos pecadores sendo utilizados alguns como exemplo, para a misericórdia divina se manifestar no meio terreno, para aumentar os merecimentos daquele assolado pelo mal, para Deus provar e purificar aqueles escolhidos, para que o atormentado tenha seu purgatório neste mundo e por último, para que o demônio se confunda ao ver seus males resultando em um bem mesmo que tenham sido feitos com o intuito de levar uma alma para a perdição (BROGNOLO, 1651).

Nota-se com junto a Brognolo (1651) uma busca a imagem medieval do mal ligado ao Diabo e a Deus separando a ideia do mal ligado ao homem que começa a surgir nessa

---

<sup>12</sup> Lembrando que a lepra por muito tempo foi dita como uma doença trazida pelo Diabo para as pessoas.

sociedade, entretanto só ganha força realmente no século seguinte. Essa busca levanta a ideia novamente de uma tentativa de retomada da imagem antiga para combater o ceticismo levantado na sociedade moderna.

Em Portugal a visão era diferente, o Diabo continua sendo associado a doenças e ao mal e ganhando mais espaço nos livros oficiais. O mal espiritual não deixa de ser combatido.

Dentre os remédios espirituais mais divulgados pelos médicos portugueses estavam os exorcismos, e por mais estranho que possa parecer foram eles os grandes apologistas desses rituais. [...] Incapazes de compreender as leis que regulavam o funcionamento do corpo, muitas vezes os médicos usavam as “teorias” dos demonólogos como espécie de “ciência auxiliar” que os ajudava a diagnosticar as doenças e a justificar os limites da medicina, já que aquilo que não se compreendia era logo imputado ao maligno (RIBEIRO, 2003, p. 47)

A relação da medicina europeia com o satanismo e demonologia era tamanha, que o próprio Candido Brognolo (1651) além de escrever um manual de exorcismos também foi autor de uma obra envolvendo medicina dividida em dois volumes, publicado com o nome de “*Alexicacon Hoc Est De Maleficiis, Ac Morbis Maleficis Cognoscendis: Opus Tam Exorcistis, Quam Medicis ... Utilissimum.*”

Iniciando a análise do Diabo feita no Manual do Brognolo (1651) tem-se um ser incorpóreo acima dos corpóreos.<sup>13</sup> Entretanto, é representado também como um ser extremamente submisso a Deus, tanto que o diabo somente pode agir com a permissão divina.

Pode-se então chegar à seguinte reflexão: como Deus é acima do diabo e a igreja é sua representação física na Terra, seria também a Igreja acima dos inimigos das almas, afinal, um sacerdote é tão forte quanto o seu deus se mostra poderoso perante outros seres. Então daí que partirá o combate espiritual tendo de um lado a igreja e seus ministros e do outro os demônios devoradores da fé cristã conhecidos como hereges e protestantes.

A igreja fica então com duas formas de agir contra o inimigo de Deus: Modo direto com os exorcismos e modo indireto com a a medicina.

Assim, mesmo não podendo atingir o diabo de maneira direta, o que só cabia à Igreja, a medicina tinha armas eficazes para expulsá-lo dos corpos, dentre elas a sangria e práticas que tinham a função de expelir o sangue considerado ruim, como a aplicação de sanguessugas (RIBEIRO, 2003, p. 46)

A propaganda política e religiosa feita em cima dos exorcismos contra a reforma protestante, utilizando desses casos como meio de combater o protestantismo que se

---

<sup>13</sup> Brognolo (1651) diz que os anjos (e os demônios já que são ditos como anjos caídos) tem três dotes, a sutileza com a qual penetram o ar, a terra e todos os corpos, a invisibilidade e a excelência que os tornam superiores aos seres carnaís.

espalhava no seio cristão era evidente nessa época. O ato de exorcizar uma pessoa parte do princípio de uma hierarquia inicialmente vista como espiritual, afinal, através do ritual o exorcista utilizava de algo maior que ele (Deus ou um objeto sacro) e a situação em si cria um cenário onde subjuga-se o mal que assola aquele que está vindo a ser exorcizado.

A formalização traz consigo uma lista de análises que deveria ser feito previamente no exorcizado para que pudesse oficializar o rito e uma lista de protocolos que o exorcizado deveria seguir para que assim pudesse oficializar o rito. A descrição do papel do vexado vai desde seguir a risca todas as instruções do exorcista sem pestanejar ou rebater, afinal, duvidar do exorcista é duvidar de Deus .

O retorno da explicação sobre o diabo é perceptível nos Dictames I a IX do manual do Brognolo (1961) onde, especificamente, explicará e tentará comprovar a existência dos espíritos demoníacos, suas características, seus efeitos, ações e permissões dadas por Deus para atuação, para que assim crie um embasamento teórico e metodológico para um combate ao ceticismo.

Seguindo a linha iniciada em 416 D.C, tem-se a delimitação dos exorcismos, restringindo o ritual apenas para serem administrados sob autorização episcopal, tendo assim um controle maior dos rituais, desvirtuando da ideia de que todos podem fazer utilizando apenas do nome de Cristo, como é dito no livro de São Marcos capítulo 16, versículo 17 e 18 (BÍBLIA, Ma, 16, 17-18). Nesse novo contexto, é necessário também a autorização da elite clerical.

Até então os exorcismos seguem como método fundamental da libertação de almas e demonstração do poder divino.

Dando lugar para a caça aos hereges, o exorcismo vem com o objetivo de “busca diretamente [d]o norte do evangelho e se purificação as normas da razão”(BROGNOLO, 1651. p. 84), ou seja, chegar ao objetivo de uma única fé e um único soberano que era o ponto chave apresentado por Marcocci e Paiva na sua obra *A história da Inquisição Portuguesa (1536 – 1821)* (2013).

Em 1599 Pedro de Bérulle escreve o *Traité des Énergumènes* livro no qual ele descreve a ação da possessão diabólica e a referência com o pecado original, decreto estabelecido pelo Concílio de Trento.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup>Na sessão V do concílio de Trento realizada no dia 17 de junho de 1546 estabelece a doutrina do pecado original onde deixa embasado que “Se alguém não acreditar que Adão, o primeiro homem, quando anulou o preceito de Deus no paraíso, perdeu imediatamente a santidade e justiça em que foi constituído, e incorreu, por culpa de sua prevaricação, na ira e indignação de Deus, e conseqüentemente na morte com que Deus lhe havia antes ameaçado, e com a morte em cativo, sob o poder daquele que depois teve o império da morte, ou seja, o

O objetivo então toma forma com a tentativa de retomar o medo que anteriormente tomava conta do coração da sociedade medieval, entretanto um obstáculo grande se estabelece a frente: o iluminismo, movimento e que prezava pelo conhecimento traz junto consigo o ceticismo que leva as pessoas a questionarem o que lhes é apresentado pela religião. Este movimento junto com a reforma protestante colocou muros e bloqueios entre as pessoas e a reestruturação do diabo medieval no período moderno. De um lado tinha-se a Igreja tentando reestabelecer a fé popular no diabo, do outro a inquisição com sua caça contra tudo o que representasse oposição e heresia, ou seja, tudo o que fosse obra do Diabo. Mas essa ação acaba tendo o efeito contrário na mente das pessoas referente ao inimigo de Deus. Como combater um mal invisível se na visão da população existia uma aversão (principalmente na sociedade brasileira do século XVII) ao que era ligado a religião oficial?

O diabo sempre teve um papel fundamental tanto no cristianismo quanto em religiões monoteístas, perder esse alicerce levou a Igreja em si a perder, juntamente com o satã, parte de seu poder sobre a mentalidade popular. A busca da retomada desse ser, apenas cria uma imagem mais subjetiva do inimigo de Deus como o que ocorre na Inglaterra, por exemplo.

Perdendo o espaço de um ser universal cuja maldade e ações estavam em tudo e todos, passa a ser uma representação filosófica do mal humano e um meio de contemplação do interior da alma. Assim como as catástrofes medievais deram força a sua perseguição no período, as catástrofes modernas foram também colocadas em sua conta acarretando novamente no ceticismo já instaurado pelo iluminismo. Os exorcismos tentam trazer novamente esta imagem, mas sem perder o espaço como método de combate ao protestantismo, mesmo não conseguindo atingir este objetivo deixou como resultado inúmeros textos, manuais e periódicos que foram desenvolvidos até o século XVIII encerrando-se juntamente com a instituição do tribunal do Santo ofício.

## CONCLUSÃO

Diante de tudo o que foi explanado até aqui, pode-se concluir que o diabo não deixou de habitar o imaginário cristão, ora como ser físico causador de todo o mal terreno, ora como um ser filosófico para subjetivar o mal humano. Fica perceptível sua força e seu papel crucial como alicerce fundamental da fé cristã e a consequência da perda dessa crença

---

demônio, e não confessa que Adão, por inteiro, passou, pelo pecado de sua prevaricação, a um estado pior, no corpo e na alma, seja excomungado.”

para a estrutura da Igreja Católica. A própria percepção do mal sofreu diversas alterações, idas e vindas com a disputa entre a religião e o ceticismo.

Os manuais surgem como tentativa de retorno desta imagem e como arma de combate contra o protestantismo. O diabo perdurou na mentalidade cristã, mesmo após o fim do Tribunal do Santo ofício e continua até os dias atuais assombrando as pessoas e servindo como bode expiatório para todo o mal terreno e humano e ainda sofrendo alterações e divergências na sua compreensão, mas mesmo assim sem perder seu papel fundamental no dualismo cristão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORTH, Gabriele. A História dos Exorcismos na Igreja Católica. In: \_\_\_\_\_ **Exorcistas e psiquiatras**. 2. ed. São Paulo: Palavra & Prece, 2015. Disponível em: <http://www.derradeirasgracas.com/2.%20Segunda%20P%C3%A1gina/Escritos%20de%20Padre%20Gabriele%20amorth/A%20hist%C3%B3ria%20dos%20exorcismos%20na%20Igreja%20cat%C3%B3lica.htm>.

AVILA, Erik dos Santos. A Revisão do Ritual de Exorcismos como instrumento de reafirmação da autoridade e da relevância do catolicismo no mundo contemporâneo. **Revista Ciências da Religião**, p. 173-200, 2013.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Online. Versão Católica**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/>.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

MARCOCCI, Giuseppe; PAIVA, José Pedro. **A história da Inquisição portuguesa (1536 – 1821)**. Lisboa: Esfera dos livros, 2013.

MINOIS, Georges. **O diabo, origem e evolução histórica**. 1. ed. Lisboa: Terramar, 2003

RIBEIRO, Márcia. **Exorcistas e Demônios**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

SARTIN, Philippe. **A Igreja Católica, a Possessão Demoníaca e o Exorcismo: Velhos e Novos Desafios**. V. 8. São Paulo: Revista Historia, 2016

## FONTES HISTÓRICAS

**Bíblia de Jerusalem**. Tradução em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de La Bible de Jérusalem, edição de 1998, publicada sob a direção da “École biblique de Jérusalem”. São Paulo: Paulus, 3ed. 2004

**Brognolo recompilado e substanciado com aditamentos de gravíssimos autores**, 1651. Corrigido, refazido, e traduzido da língua Latina, Italiana, e Hespanhola na Portugueza para clareza dos exorcistas, e bem dos exorcizados por Frei José de Jesus Maria. Na officina de Miguel Meneses da Costa, Impressor do Santo Ofício. Anno de 1753.

**Malleus Malleficarum de Heinrich Kramer e James Sprenger, 1484**. Tradução de: Paulo Fróes, 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

**Ritual de Exorcismos e outras supplicas (Rituale Romanum)**, 1614. Tradução portuguesa para o Brasil da edição típica. São Paulo: Paulus, 2005.